



RESENHA

USARSKI, Frank; TEIXEIRA, Alfredo; PASSOS, João Décio (Orgs.). Dicionário de ciência da religião. São Paulo: Paulinas; Loyola; Paulus, 2020, 920 pp. ISBN 978-65-5808-1418-0; 978-65-5562-484-7; 978-65-5504-159-0.

Fábio L. Stern*

Pouco tempo após o lançamento do *Compêndio de Ciência da Religião* (Passos, Usarski, 2013), frente ao grande sucesso do volume, os professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da PUC-SP começaram discussões sobre uma próxima obra de peso. Pensando nas lacunas do compêndio e visando aproveitar a então recente parceria entre o PPG da PUC-SP com o Instituto de Estudos da Religião da Universidade Católica Portuguesa na *REVER: Revista de Estudos da Religião*, os professores João Décio Passos e Frank Usarski estabeleceram uma força-tarefa com o professor português Alfredo Teixeira. Eles objetivavam criar um dicionário técnico de ciência da religião que contemplasse não apenas a realidade brasileira, mas que pudesse ser referência para todo o mundo lusófono.

Até o momento, Brasil e Portugal careciam de um dicionário técnico para a disciplina. As publicações existentes em língua portuguesa ou eram dicionários mais gerais de religião (p. ex. Hinnells, 1989; Schlesinger, Porto, 1995; Walker, 2002), ou então eram dicionários de símbolos religiosos (p. ex. Manfred, 1993). Além disso, quase nenhuma destas obras prévias havia sido pensada do ponto de vista da ciência da religião – com exceção ao dicionário de John Hinnells. Nenhum daqueles volumes tinha como objetivo ser um dicionário técnico sobre uma ciência, mas sim serem dicionários mais gerais sobre religião, objeto compartilhado também com outras disciplinas acadêmicas não científicas, como a teologia e a filosofia.

A proposta de verbetes para a obra atual foi pensada adotando dicionários de ciência da religião publicados em outras línguas, inclusive em alemão, graças à participação de Usarski na organização do volume. A proposta inicial levou em consideração tanto demandas próprias de Portugal quanto da PUC-SP. Entretanto, muitos verbetes acabaram não encontrando autores disponíveis para a sua produção, o que fez com que a proposta inicial não fosse adotada na íntegra. Citando um exemplo, havia o desejo de se criar verbetes sobre Chantepie de la Saussaye e Cornelis Tiele. Mas como os organizadores não conseguiram alguém que aceitasse produzir tais textos, os dois verbetes

* Bolsista PNPd/CAPES pelo PPG em Ciência da Religião da PUC-SP (São Paulo-SP). Doutor em Ciência da Religião (PUC-SP, São Paulo-SP). ORCID: 0000-0001-5642-0299 – contato: caoim@gmail.com

foram abortados. Além disso, a pandemia surgiu durante o processo final de elaboração da obra, atrasando o seu lançamento em pelo menos três anos. Muitos dos pontos fracos do *Dicionário de ciência da religião*, que apresentarei mais à frente, resultam destas duas questões. Ainda assim, a versão lançada possui pouco mais de 200 verbetes, distribuídos em quase mil páginas.

Do ponto de vista organizacional, é possível notarmos quatro tipos de textos: (1) verbetes técnicos que explicam o que é ciência da religião, seus ramos e abordagens teóricas mais importantes; (2) verbetes sobre as disciplinas auxiliares (psicologia, antropologia, sociologia, geografia, economia etc.); (3) verbetes sobre personalidades; e (4) verbetes sobre categorias-chave que aparecem transversalmente em várias religiões, úteis nos estudos sistemáticos da religião. A distribuição dos verbetes não é isonômica. Em outras palavras, há muito mais verbetes do último tipo, sobre categorias-chave, do que verbetes sobre disciplinas auxiliares, por exemplo.

Entre os pontos frágeis, na introdução os organizadores mencionam brevemente a Área de Avaliação 44 da CAPES, declarando a importância que tanto o *Compêndio de ciência da religião* quanto o presente dicionário teriam para a consolidação da disciplina e seus programas. Entretanto, quando observamos os autores que participaram da obra no Brasil, a maioria declarava vínculo com alguma instituição paulista, sendo que mais da metade destes eram da PUC-SP. Embora haja autores de outras duas instituições brasileiras de fora de São Paulo que possuem programas de ciência da religião – UFJF e UFPB –, a composição dos autores nos leva a crer que a organização no Brasil ficou muito centralizada na PUC-SP e instituições paulistas próximas, como a UMESP, a UPM e a PUC Campinas. No caso da organização europeia, podemos notar autores de diversas universidades de Portugal.

Outro ponto frágil diz respeito aos verbetes de personalidades. Ainda que autores da ciência da religião sejam apresentados (p. ex. Max Müller, Mircea Eliade, Georges Dumézil, Marcel Mauss¹), a maioria dos acadêmicos elencados não é da própria ciência da religião. Isso não é em si um problema, já que muitos autores de outras áreas também foram importantes para a constituição da ciência da religião em âmbito internacional. Todavia, quando o cientista da religião encontra mais verbetes de outros profissionais do que personalidades históricas de sua própria disciplina, não tem como não identificar um paradoxo na obra. A PUC-SP, uma das instituições organizadoras do volume, destaca-se no Brasil por defender que a ciência da religião é uma área singular, autônoma, com teoria e identidade própria. Entretanto, autores centrais à história da ciência da religião como Cornelis Tiele, Chantepie de La Saussaye, Robertson Smith, Jane Ellen Harrison, Goblet d'Alviella, Ninian Smart e Joseph Kitagawa não aparecem no dicionário para dar espaço a personalidades de diversas outras ciências humanas. Ainda que haja uma defesa do professorado da PUC-SP de que a ciência da religião não é uma simples amálgama de várias disciplinas, na prática a organização das personalidades parece apontar ao sentido oposto, indo ao encontro do discurso de “ciências”

1 Apesar de ser mais conhecido internacionalmente por seu trabalho como antropólogo, Mauss possuía também formação em ciência da religião pela École pratique des hautes études, e mudou-se para Paris justamente para continuar seus estudos pelo ramo sistemático da ciência da religião.

da religião e campo multidisciplinar.

Além disso, de todas as ciências humanas que tiveram personalidades destacadas, a psicologia da religião foi a de longe mais contemplada. Há um claro descompasso de verbetes sobre psicólogos e psiquiatras em comparação a outras áreas igualmente importantes, como a antropologia e história, o que acaba não refletindo a realidade da produção em ciência da religião nem em Portugal, nem no Brasil. Ao contrário, demonstra a centralidade do projeto na PUC-SP em detrimento do cenário brasileiro maior. O curso de ciência da religião desta instituição teve como um de seus fundadores o psicólogo Edênio Valle, trazendo até hoje um foco na psicologia da religião que, apesar de historicamente importante no campo mais geral dos estudos da religião, não é observado com a mesma força nos outros cursos existentes no Brasil. Talvez este histórico da instituição paulistana fez com que, na fase inicial de organização de verbetes, a equipe possa ter elencado também dicionários de psicologia da religião como base, causando tal desequilíbrio.

Tais fragilidades, porém, podem ser facilmente corrigidas em uma reedição ampliada e revisada da obra em anos posteriores. Os pontos positivos da obra suplantam em muito os desafios identificados, tornando o *Dicionário de ciência da religião* uma obra já essencial para qualquer pessoa que deseje fazer ciência sobre religiões em países falantes da língua portuguesa.

Entre os pontos fortes, destacam-se as ligações entre verbetes correlacionados, que são sinalizadas aos leitores por um pequeno ícone de lupa no corpo do texto quando um verbete menciona outro. Na lista de verbetes do início do livro também há grafado em letras minúsculas assuntos que são encontrados como parte do corpo do texto de um verbete maior, mas que não constituem verbete em si. A inclusão do índice remissivo, algo ainda raro nos livros produzidos pela ciência da religião brasileira, apresenta grande diferencial, aumentando o potencial de consulta da obra.

O ponto mais forte da obra, porém, é sua preocupação em apresentar a própria ciência da religião. Verbetes como “ciência da religião aplicada”, “agnosticismo metodológico”, “êmico/ético”, “fenomenologia da religião”, “cultura material religiosa” e “método”, para citar alguns, introduziram de forma resumida discussões que usualmente só são encontradas no coletivo de pensamento internacional de cientistas da religião. Em outras palavras, permitem aos leitores lusófonos acesso a formas mais autônomas e disciplinares de se pensar a ciência da religião. Essa forma de ciência da religião, que aparece mais fortemente aqui do que no *Compêndio de ciência da religião*, demonstra um aumento da preocupação dos organizadores frente aos egressos de seus cursos.

Por fim, a confecção de verbetes das disciplinas auxiliares também foi feita de forma distinta ao *Compêndio de ciência da religião*, constituindo outro ponto forte do volume. Ao invés de falar das outras áreas sem considerar um perfil específico para o livro – p. ex., apresentar a antropologia da religião como se o público-alvo fosse formado por antropólogos ou qualquer pesquisador das ciências humanas sem muita distinção –, o dicionário considerou em quase todos os textos que os leitores são cientistas da religião ou estudantes de cursos de ciência da religião. Logo, ao falar de uma disciplina auxiliar, os autores, mesmo quando oriundos de outras formações, tentaram explicar por que aquilo é útil para programas de ciência da religião, tendo em vista que os estudantes

não necessariamente possuem formação de base naquela área e como eles, mesmo assim, poderiam estabelecer diálogos transdisciplinares.

Referências

HINNELLS, John R. (Org.) Dicionário das religiões. São Paulo: Cultrix, 1989.

MANFRED, Lurker. Dicionário de figuras e símbolos bíblicos. São Paulo: Paulus, 1993.

PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). Compêndio de Ciência da Religião. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013.

SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto (Orgs.). Dicionário enciclopédico das religiões. Petrópolis: Vozes, 1995.

WALKER, Barbara G. Dicionário dos símbolos e objectos sagrados da mulher. Lisboa: Planeta, 2002.

Editor responsável: Silas Guerriero

Submetido em: 27/06/2022

Aprovado em: 01/07/2022